

Um olhar de Paulo César Boni sobre a Fotografia

Paulo César Boni é graduado em Jornalismo e doutor em Comunicação, desde 1982 ele é professor da Universidade Estadual de Londrina, onde coordena o Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico, que ajudou a fundar, além da revista Discursos Fotográficos, uma das mais importantes da área. Pesquisador e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e História, foi vencedor do Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia em 2013/2014 e hoje é reconhecido como um pesquisador atuante nas áreas de fotografia, fotografia e memória, fotojornalismo, fotodocumentarismo e história de Londrina e região Norte do Paraná.

Entrevista realizada por Márcia Rodrigues da Costa

Márcia Rodrigues da Costa é pós-doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (UNISO) – Sorocaba (SP), com bolsa Capes, doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Contato com a autora: marciarcosta13@gmail.com.

Nessa conversa com a Tríade, o jornalista, fotógrafo, professor e pesquisador conta como se apaixonou ainda menino pelas imagens e sobre sua trajetória acadêmica, marcada principalmente por sua ampla contribuição na implantação de disciplinas de Fotografia na UEL e para a publicação de diversas obras na área. Seja por meio da pesquisa acadêmica, da organização de publicações sobre Fotografia e dos eventuais cliques que ainda dispara quando o tempo permite, ele respira imagens. "Então, pra mim, a fotografia é vida e trabalho".



Triade: Como você começou a relação com a fotografia, e como está hoje essa relação, enquanto técnico e teórico da imagem?

Paulo César Boni: A minha experiência, a minha paixão pela fotografia curiosamente começou no laboratório. Antes mesmo de fotografar eu era auxiliar de revelação, era criança, morava em Cambé, cidade vizinha de Londrina, e ali na década de 70 tinha aquelas coisas tradicionais dos grandes bailes nos clubes da sociedade. E tinha um rapaz que trabalhava no Foto Itamarati, que era o foto de Cambé, que ia aos bailes fotografar as famílias, os casais, eu o auxiliava, segurava o pau de luz. Saíamos do baile por volta da meia-noite e íamos para o foto, onde revelávamos os filmes, ampliávamos as imagens de madrugada e, no domingo de manhã, depois da missa de 10h, a mais frequentada pela sociedade, estávamos com as fotografias reveladas, ampliadas, secas e pregadas nos vidros do foto, e o pessoal passava ali, via e comprava as fotos. Então antes de fotografar eu já trabalhava com revelação. É algo apaixonante pôr um papel numa banheira de química e de repente ver surgindo um pontinho, dois pontinhos, centenas de pontinhos, mil pontinhos, ver a imagem se consolidar. Me apaixonei por fotografia criança ainda, com 13 anos, 14 anos, e só depois que comecei a fotografar. E quando ingressei na carreira acadêmica a primeira luta maior foi colocar a disciplina de Fotografia no currículo de Comunicação Social da UEL, começamos a luta em 1980 e foi só no final da década de 80, começo de 90, que conseguimos um espaço para a disciplina de Fotografia, depois um espaço para a disciplina de Fotojornalismo, então comecei com minha experiência da prática. Fui repórter da Folha de Londrina e prestei serviços para cooperativas, produzia textos e fazia fotografias. E na década de 90 conseguimos implementar em Londrina o primeiro curso de Pós-graduação em Fotografia, o primeiro *latu sensu* do Brasil, que tem 21 anos e está ativo até hoje. Comecei a fazer doutorado e me atentei um pouco para a teoria da Fotografia, que era uma coisa insipiente ainda. Hoje nós temos bastante publicações, o suporte teórico já é relativamente forte, foi bacana porque fui pegando tudo no começo. A pós-graduação *latu sensu* gerou o mestrado em Comunicação Visual, nós criamos lá também a publicação Discursos fotográficos, hoje a mais qualificada da área em termos de visualidade. E hoje estou quase que praticamente só fotógrafo teórico, não prático. Como docente temos aquela preocupação com produtividade, temos que escrever e organizar livros, precisamos publicar artigos, eu também assumi a coordenação do grupo de pesquisa do Intercom de Fotografia por quatro anos e a gente precisa fomentar isso tudo. Faz tempo que não tenho aqueles domingos de sol para pegar a câmera fotográfica e ir para o lago fazer fotos, pois nos domingos de sol estou corrigindo trabalhos, revisando textos. Mas continuo fotografando, hoje estou um pouco acomodado com o celular, pois temos hoje um aparelho que tem uma câmera de 16 *mega pixels*, uma capacidade de resolução enorme, e o celular é tão leve, tão fácil de levar no bolso, então não saio com tanta frequência com máquinas, lentes, por que isso é uma sacola, é, uma mala que você tem que carregar (risos), mas continuo fotografando. Tenho planos de me aposentar, que não vai demorar tempo, e aprender culinária e fotografar mais.

Triade: Você começou com esse olhar de menino inocente para a fotografia, encantado, em uma época em que a fotografia era vista como algo mais ligado ao real. Hoje ela é vista também como algo mais ligado à imaginação, à sensação. Como você vê isso?

Paulo César Boni: Eu acho que tudo isso tem um conjunto de fatores. Hoje nós temos muito mais coisas sobre a área de Fotografia porque nós conseguimos multiplicar os cursos de pós-graduação. E é nesses cursos que as pessoas fazem pesquisas, que recortam seus objetos de estudo e produzem algo. Então hoje alguém pode produzir um livro ou uma dissertação sobre Richard Avedon, Cartier Bresson e Sebastião Salgado por conta da multiplicidade dos cursos pós-graduação. Quando nós começamos a estudar Fotografia nós tínhamos quatro clássicos da Fotografia: como Roland Barthes, com as obras *A Câmera Clara* e *Mensagem Fotográfica*, a Gisele Freund, com *Fotografia e Sociedade*, Walter Benjamim, com *Pequena História da Fotografia*, e Susan Sontag, com *Sobre o Fotográfico*, e tudo que você escrevia passava por estes autores, mas graças a Deus fomos multiplicando autores, pesquisas. Hoje esse leque é muito aberto. Sobre publicações, temos alguns produtores de conhecimento, que são referências nacionais, como o Boris Kossoy, que acho a maior referência em fotografia brasileira, a Ana Maria Mauad, no Rio de Janeiro, e muita gente boa espalhada por aí. E independente destes nomes consolidados, temos um monte de pesquisadores menos conhecidos e com bons trabalhos que nos ajudam a somar um conhecimento em torno de fotografia, e isso permite nos cursos de pós-graduação essa multiplicidade de olhares, o que é muito importante em fotografia. Então você pode ter o olhar disciplinado de um militar e ter um olhar ao avesso de um artista, pessoas de diversas formações, olhares, diversos vieses, então isso enriquece muito. Às vezes recebo algum texto para alguma revista ou para algum projeto e penso: como não pensei nisso antes? (Risos). Uma coisa tão legal, consistente, tão importante sobre fotografia. Isso acontece pela multiplicidade de olhares, de formações, pessoas envolvidas que estão estudando, produzindo. Hoje nós nos permitimos fazer um recorte dentro do outro, e vamos estudando especificidades, e as somas são boas. Se uma pessoa fizer um recorte pequeno para estudar e se dedicar a uma especificidade em um fotográfico qualquer, esse sujeito aprofundou e o que ele está dizendo sobre esse recorte pequenininho é o melhor, e se você pegar os diversos recortes e ir somando, teremos uma convergência de informações que acabam somando no todo do conhecimento fotográfico. Por isso, quanto mais gente de várias áreas, de mais formações estudando a Fotografia, ela só tem a ganhar.

Triade: Qual metodologia de interpretação de imagens você usa?

Paulo César Boni: Isso é um pouco complicado, porque na academia nós temos que você pode fazer uma análise estética da Fotografia, mas a Estética não tem um receituário e isso permite que eu, você e qualquer outra pessoa possa fazer uma análise e praticamente ninguém possa contestá-la, porque nós não temos um critério definido do que possa ser uma análise estética. Da mesma forma as pessoas se propõem a fazer uma análise Semiótica, mas a Semiótica também já assumiu que ela também não domina a imagem ainda. Então significa que você pode também, semioticamente falando, naquele processo de semiose, ir aumentando as

interpretações, ir ligando, interpretando, e fazendo novas ligações, só que não tem quem possa contestar, pois não tem nenhum critério que seja palpável para analisar isso tudo. Eu fiquei muito incomodado com isso porque não era como colocar uma análise, eram percepções individuais, e não tinha como dizer concordo ou discordo, não tinha como contestar aquilo tudo. Quando fui fazer doutorado me propus a fazer uma análise palpável, que você pudesse ter um receituário, me propus a estudar o percurso gerativo da Fotografia. Todas as análises até então eram do produto final para frente, eu queria estudar do produto final para trás, ver o que o fotógrafo estava pensando quando fez aquele clique, qual a mensagem que ele queria transmitir. Aí propus uma desmontagem, um desmonte da Fotografia para pensar assim: se em uma fotografia o sujeito usou o plano médio, pressupõe-se que ele queria caracterizar o indivíduo no seu ambiente. O uso do ângulo linear pressupõe a linearidade, que as pessoas sejam vistas no mesmo plano; o contra-plongée é o de baixo para cima, é um ângulo de valorização; e o plongée, ao contrário, é de achatamento, de cima para baixo, então se o sujeito usou o plongée, isso pressupõe que ele queria uma desvalorização do sujeito ou objeto que ele fotografou. E fomos trabalhando também as texturas, iluminação, preto e branco, e com os recursos das câmeras fotográficas, as lentes, se o fotógrafo usou a lente teleobjetiva, que achata os planos, ele quis aproximar o sujeito do objeto; se usou uma lente grande angular, ela distancia os planos, então talvez ele quisesse distanciar o sujeito do objeto, do ambiente. Pelo menos era uma coisa mais palpável, quando faz um desmonte, e pelo conceito e pela linguagem de cada um desses elementos da linguagem fotográfica ou de cada um desses recursos visuais, pressupõem-se que o sujeito tenha querido ou objetivado passar a seguinte mensagem para o leitor, mas isso ainda não é 100% de certeza, 100% seria ouvir o fotógrafo. Essa proposta que fizemos chamamos de “intencionalidade de comunicação”, é muito aplicável ao Fotojornalismo, a gente coloca que além das representações fotográficas, há aquelas representações espontâneas, inerentes ao ato de fotografar, pois quando você fotografa você transfere pra sua fotografia toda a sua formação educacional, cultural, disciplinar, religiosa, ideológica, tudo isso são manifestações espontâneas. A gente acrescentou ainda a intencionalidade de comunicação. Por que no Fotojornalismo o sujeito é um jornalista e ele tem que passar mensagem, informação, e a partir do momento que ele levanta a máquina, ele tem uma premeditação e isso tudo a gente calculou a partir do estudo do percurso gerativo ... Hoje essa proposta de análise fotográfica está sendo utilizada em uma porção de universidades e por muitos pesquisadores brasileiros. A gente conseguiu acrescentar mais uma modalidade de análise, a metodologia de análise fotográfica, mais aplicada ao Fotojornalismo.

Triade: Como aliar as questões subjetivas da imagem com uma análise mais científica?

Paulo César Boni: É impossível fazer uma análise científica da imagem. Ao contrário da escrita, a imagem não é codificada, os códigos são abertos, são contínuos, é impossível interpretar uma imagem e dizer isso é isso e ponto final. Então nós estamos trabalhando com a somatória das possibilidades, a gente agrega conhecimento. Podemos tentar agregar valores, por exemplo, contextualizar, ver em que contexto foi tomada, fazer a análise da intencionalidade do

fotógrafo. Por exemplo, no período do regime militar, quando havia muita censura e a as pessoas criavam imagens para tentar burlar a imagem, então eles não tinham como saber, e não tinham como censurar, às vezes deixavam passar, mas aquela imagem era metafórica, representativa, alguns entendiam, mas a maioria não, pois não fomos educados para ler a imagem, mas para ler o verbo, a linguagem vernacular. É uma pena, porque na Teoria da Percepção, 75% de tudo que aprendemos é pelo sentido sensorial da visão, 20 pela audição e 5% pelo tato, paladar. Puxa, se a visão é responsável por 75%, nós bem que poderíamos estudar mais visão, imagens, representações imagéticas. Então os fotógrafos que faziam as imagens durante o regime militar sabiam que aquilo era uma metáfora que poderia significar determinada situação. Os censores não conseguem identificar aquilo, os leitores pegavam essa mensagem, mas 99 % não entendiam, pois não foram educados para ler imagens.

Retornando à sua pergunta, temos que agregar valores com contribuições de várias áreas, que as pessoas trazem, para tentar chegar a uma análise bastante aceitável sobre Fotografia e sobre imagem como um todo. Mas análise científica não é possível fazer, pois a ciência pressupõe que, para uma metodologia ser aceita, ela precisa ser aplicada em diversos lugares e para diversas pessoas, e os resultados obtidos nos mais diversos lugares por diversas pessoas devem ser iguais ou semelhantes. A fotografia, se você dá pra uma pessoa interpretar, ela vai ter uma leitura; se dá pra outra pessoa, é outra leitura. As leituras são muito diferentes.

Triade: Nessa trajetória à frente da revista, você vivenciou mudanças de paradigmas, viradas de pensamento?

Paulo César Boni: A experiência da Discursos Fotográficos foi maravilhosa. Nós a criamos porque como fotógrafos e pesquisadores de Fotografia não tínhamos onde divulgar nada. Há tempo tivemos na Unicamp a revista Imagem, que circulou cerca de 14 anos e depois deixou de circular, e também a tradicional revista Íris, que também deixou de circular. Daí criamos a Discursos como espaço para que as pessoas que estivessem produzindo pudessem publicar. O primeiro número foi feito com gente prata da casa, a partir do segundo número começamos a receber contribuições externas até de outros países e foi muito legal esse processo porque eu sou um editor e revisor muito criterioso e atento e lia e relia, a gente se surpreendia com a diversidade de olhares e pesquisas que surgiam, a multiplicidade de visões, o leque sobre Fotografia ia se abrindo. No início a gente recebia muito Fotojornalismo, e logo muitas contribuições sobre memória, o uso da fotografia como forma de recuperar a memória de uma família, de um bairro, de uma empresa, de uma guerra civil, como recebemos da Espanha. Começamos a perceber que essa vertente de Fotografia e memória começou a crescer, também começamos a receber muitas coisas de arte, coisas bem subjetivas, alguns até devaneios, mas publicamos, pois você precisa somar as contribuições. E hoje temos muito análise de conteúdo. Por exemplo, quando o Brasil perdeu da Alemanha por 7 a 1 na Copa, recebemos três artigos. Hoje trabalhamos com muitos estudos de caso, com material de congresso de imagem. Não tivemos quebra de paradigma, mas acréscimos de vieses, de olhares, diversificamos um pouco

essas camadas de exploração da imagem e da fotografia. Hoje a revista continua circulando, bem procurada pelos autores, nós temos uma lista de espera bem grande, eu não estou mais nela, ela só deixou de ser impressa, é online, e continua bem classificada não só nas Ciências Sociais Aplicadas mas também nas áreas afins, como muito boa, B1, e isso é muito orgulho para nós.

Triade: O que é a imagem pra você hoje?

Paulo César Boni: Talvez eu não seja uma pessoa mais adequada para conceituar o que é a imagem, pois eu tenho uma visão de jornalista e, além disso, comecei a trabalhar fotografia e memória. A definição que eu tenho é uma visão que já existe há muitos anos, que é um recorte espaço temporal da realidade. A imagem seria a mesma coisa. Mas hoje, além da fotografia, eu trabalho muito com a História de Londrina. Em agosto lancei o sétimo livro sobre a História de Londrina, eu uso a fotografia como fonte de pesquisa, como documento comprobatório, como metodologia de coleta de dados. Como documento, por tratar-se de pesquisa história, é um documento comprobatório. Essa definição é questionada porque se pode manipular a fotografia. Eu trabalho com a fotografia das décadas de 40, 50 ou 60, que pode ser considerada documento comprobatório. Se você olhar para essa fotografia da década de 40 em São Paulo, Londrina etc., e se perceber que todas as pessoas eram magras, um pesquisador da área da Saúde pode estudar as modificações que houve na alimentação para que durante 60 anos as pessoas se tornassem obesas. Já na área de Moda, pode-se perceber a trajetória evolutiva da moda, ver as matérias-primas usadas etc. Alguém da Publicidade pode ver que as publicidades eram coladas nos postes e fazer uma trajetória evolutiva da Publicidade no período. Então as informações iconográficas presentes na fotografia podem nos despertar para novas pesquisas. Nesse aspecto a fotografia é um método de pesquisa, e uso também a fotografia como metodologia de coleta de dados, e também a uso como disparadora do gatilho da memória das pessoas entrevistadas, aliada à História Oral. Se você perguntar para um senhor de 80 anos, ele vai falar como era no tempo dele, mas a resposta dele será curta, mas se você mostra uma fotografia daquela época, ele vai lembrar de coisas que ele não havia falado, pois além da formalidade da História, ela vai lembrar-se da informalidade, do sujeito que ele conheceu... são coisas que a História normalmente não registra, e que as pessoas, olhando para a fotografia, ela abre a memória, que era latente e passa a ser revelada, evidente. Então nas pesquisas históricas de Londrina e a região Norte do Paraná como um todo eu uso a fotografia e trabalho com essas três vertentes: por exemplo, ela é documento comprobatório, e a partir dos dados dessa fotografia eu uso como fonte de pesquisa; a uso como metodologia de coleta de dados para disparar o gatilho da memória das pessoas entrevistadas; então a fotografia é norteadora de tudo em praticamente tudo o que eu faço. Trabalho, produzo e organizo livros a respeito de fotografias, de pesquisas a respeito de fotografia e na outra vertente da recuperação histórica, eu uso a fotografia como norteadora, ela está comigo o tempo todo. Então, pra mim, a fotografia é vida e trabalho.